

RESTINGA: PRESERVAR NÃO SÓ A MEMÓRIA, MAS TAMBÉM O QUE (AINDA) EXISTE

Vicente Mussi-Dias

Doutor em Produção Vegetal/Laboratório de Química e Biomoléculas/ISECENSA/RJ (LAQUIBIO)
e Laboratório de Entomologia e Fitopatologia/CCTA/UENF/RJ
vimdias@yahoo.com.br

Maria das Graças Machado Freire

Doutora em Biologia Molecular e Funcional/Laboratório de Química e
Biomoléculas/ISECENSA/RJ (LAQUIBIO)
freire.mgm@gmail.com

RESUMO

Preservar não só a memória, mas também o que (ainda) existe é o que apresentamos numa das três partes do Livro recentemente lançado “O Tempo e a Restinga”. Um dos pontos principais relacionados ao resgate da restinga de nossa região culminou por levar os leitores à beleza desse ecossistema único e pouco divulgado de nossas terras. Além disso, com o intuito de dar vida às imagens, resgatamos o mais profundo sentimento de registrar para manter, momentos tão importantes passados neste chão, que são as recordações, de quem um dia viveu a restinga. Essas memórias que realmente deram vida à vida, foram traduzidas nas *Cartas à Restinga*, sem as quais a história seria totalmente diferente. Este trabalho retrata uma parte importante e inesquecível para quem foi marcado por este espaço-tempo e induz aos forasteiros o desejo de perceber este ambiente inusitado. Assim, de forma simples, a partir de sentimentos comuns a homens comuns, tentamos transmitir o objetivo maior de nossa necessidade: difundir e preservar a restinga e torcer para que ela possa provocar a mesma “graça, o mesmo sabor e trazer as mesmas sensações” de outrora.

Palavras-chave: O Tempo e a Restinga, Karuara, Biodiversidade, Preservação

ABSTRACT

Preserve not only the memory but also what (still) exists is what we present on of the three parts of the book recently released "Time and Restinga". One of the main points related to our restinga rescue culminated lead readers to the beauty of this unique ecosystem and unheralded of our lands. Moreover, in order to give life to images, rescued the deepest sense of record to maintain, as important moments spent on this floor, which are the memories of those who once lived on the restinga. These memories that really gave life to life, were translated in the Letters to the Restinga, without which the story would be completely different. This paper reflects an important and unforgettable party for whom was marked by this space-time and leads to outsiders the desire to see this unusual environment. So, in a simple way from common feelings to common men, we try to transmit the ultimate goal of our need: to spread and preserve the restinga and hope that it can cause the same "grace, the same flavor and bring the same sensations" of yore.

Key-words: Time and Restinga, Karuara, Biodiversity, Preservation.

1- INTRODUÇÃO

Na imensidão tropical que é o Brasil, encontra-se o bioma Floresta Atlântica que engloba vários tipos de vegetação como florestas ombrófilas densas ou mistas, florestas estacionais e ecossistemas associados como restingas e manguezais. É uma das formações vegetais mais ameaçadas do mundo pelo crescente desmatamento (Myers *et al.*, 2000). A Floresta Atlântica compreende remanescentes de cobertura florestais bastante diversificados na sua fisionomia e florística (SOS Mata Atlântica, 2003) e essa diversidade é tão distribuída pelo país que na maioria das vezes não a percebemos.

Na caracterização dos ecossistemas, o que seria a Restinga? Para os leigos, é apenas a vegetação rasteira próxima às praias. Para os botânicos, é o conjunto de comunidades vegetais fisionomicamente distintas, distribuídas em mosaico, que ocorre em áreas com grande diversidade ecológica. Já para os amantes da restinga, seja pelas raízes do nativo, pelo meio de vida, pela vivência temporária ou tardia dos transeuntes, esses locais representam um manancial diverso de formas, cores e odores. Restinga significa “meninice à beira mar”, “cheiro de salsaparrilha”, gosto de pitanga doce, “praticar o “chap-chap”, o som do pisar no chão com os tamancos na restinga alagada pelas chuvas de verão”, “sono delicioso, com algum grilinho sutil num canto do quarto, o vento zunindo nas telhas e, ao longe, o imenso clamor do oceano”.

De uma forma ou de outra, a vegetação que chamamos de restinga, começa na orla marinha e pode alcançar as primeiras elevações da Serra do Mar. Segundo Freire (1990) é ambiente geologicamente recente e as espécies vegetais que a colonizam são, principalmente, provenientes de três ecossistemas distintos (Mata Atlântica, Tabuleiros e Caatinga), porém com variações fenotípicas devido às condições diferentes do seu ambiente original. Neste habitat cujo solo é arenoso, ácido e pobre, a fauna e a flora são adaptadas às suas características físicas dominantes, tais como alta salinidade, alta temperatura, ventos e sal proveniente do oceano, sedimentos de areia seca em consequência da rápida drenagem e exposição à luz solar intensa (Kelecom *et al.*, 2002; Gomes *et al.*, 2007).

De modo geral, a ocupação desordenada das planícies costeiras brasileiras, as atividades agropecuárias, a cultura de cana de açúcar e o extrativismo vegetal, sendo estas últimas ocorrendo em regiões mais interioranas, têm ameaçado fortemente este ecossistema considerado extremamente frágil (Oliveira-Rebouças *et al.*, 2011). Pensando nisso, e acreditando que precisamos conhecer, viver ou reviver a restinga para assim podermos preservá-la, o objeto deste trabalho foi induzir e permitir que aflorasse o exame sobre a “restinga que cada um de nós leva consigo” (Aquino, 2015a), bem como difundir os sentimentos inspirados por meio de depoimentos à esse ambiente ainda vivo entre nós, o qual foi apresentado como uma das partes do livro “O Tempo e a Restinga” recentemente publicado.

2- METODOLOGIA

A metodologia empregada envolveu um processo de reconfiguração do sentido, e do significado da pesquisa crítico-colaborativa onde todos os sujeitos que nela se envolveram compuseram um grupo com objetivos e metas comuns, interessados num problema que emerge em certo contexto no qual atuam desempenhando papéis diversos (Thiollent, 1994).

Imbuídos de um sentimento de resgate da memória local do que foi e tem sido a Restinga para nós, livro “O Tempo e a Restinga” foi construído sob quatro olhares: o nostálgico, no qual se revivem as alegrias das passagens por um passado local; o ambiental, sob o foco da luta pela preservação, proteção e recuperação da Restinga; o científico, sob o ponto de vista do estudo da biodiversidade que ali habita e de tudo que ainda

podemos aprender; e sob o ponto de vista da sensibilidade através do olhar fotográfico, exercendo grande influência nos leitores pelo impacto que as imagens criam e ampliam quando compartilhadas.

Com a fusão dos quatro olhares tem-se claramente a intenção de transmitir aos apreciadores a real impressão que se quis dar durante a elaboração deste livro. O resultado foi apresentado em três etapas. Destacamos aqui a primeira delas, intitulada *Cartas à Restinga*, com as quais somos induzidos às lembranças, a vivenciar ou imaginar de forma compartilhada o efeito desse ambiente sobre a vida dos que ao entorno se encontram e o desejam. Esse resgate tem por finalidade manter viva a Restinga e tudo que ela nos traz (Mussi-Dias, 2015).

3- DESENVOLVIMENTO

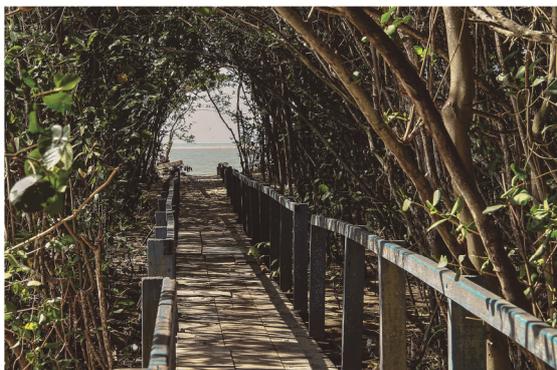
O conjunto de depoimentos reunidos em “*Cartas à Restinga*”, pequeno, quando comparado à imensidão de recordações que poderiam aguçar o bem-querer à restinga, contaminou o livro de sentimentos que, de certa forma, diferenciou-o de outros relacionados ao binômio exploração-preservação do meio ambiente. E esse caráter vivo aflora das lembranças e aguça o querer voltar, o querer conhecer, conhecer pra preservar....tudo aquilo....e que a memória não deixa esquecer.

Apesar do entendimento e divulgação, nos dias atuais, sobre a diversidade de ambientes e temas relacionados à preservação da natureza, fortemente ampliados com o desenvolvimento da tecnologia, os brasileiros e o mundo têm pouca familiaridade com o que temos e chamamos de Restinga. Ainda que o Brasil detenha este ecossistema, poucas são as oportunidades de levá-la à população, o que resulta num grande desconhecimento da nossa biodiversidade local (Mussi-Dias, 2015).

“Na verdade, sobrevive em todos nós uma “restinga” feita, sobretudo, de memórias da infância e da juventude, indelével réstia de areia, escoada entre a terra firme e o profundo mar azul” (Aquino, 2015a).

A gente não vê o dia passar na restinga. Mas é preciso ter restinga pra gente não ver o dia passar, enquanto luta para que ela não desapareça (Freire, 2015). Essa foi a forma que tentamos registrar aqui, a memória de uma restinga que quase não existe mais (Figuras: *Última visão do mangue de Atafona, Repouso, Caminhos da restinga, Cores e aromas*) e, por outro lado, uma pequena contribuição para divulgar a necessidade de preservação de uma área quase intacta que ainda acontece entre Iquipari e Açú, e vem sendo mantida na RPPN Fazenda Caruara (Figura: *Aposta no futuro*).

Última visão do mangue de Atafona. Foto: Geisa Márcia



“Venha me visitar.
Mas traga consigo a terra vermelha
batida, a duna fervendo no meio da
tarde, o vento, o vento. Traga os
cascalhos de tempos felizes, lembranças
de amores correspondidos ou não, a
certeza daqueles dias.”

*Aline Aquino,
O Tempo e a Restinga, 2015.*

Repouso. Foto: Rudá Sanchez

“A manhã passara rápido entre a coleta de tatuís, tentativas frustradas de pegar os grauçás, que eram mais rápidos que o vento tépido, e mergulhos naquela imensidão verde que se espalhava em espumas com fímbrias amarronzadas de iodo. Era realmente o paraíso.”

*Carlos Augusto Sá,
O Tempo e a Restinga, 2015.*



Caminhos da restinga. Foto: Vicente Mussi-Dias



“Ah! Restinga. Até quando meus olhos contemplarão seus espaços verdes, o canto suave do vento nas casuarinas, o canto dos pássaros que visitam nosso jardim, os luars e pores de sol? Até quando?”

*Cláudio Pereira Pinto,
O Tempo e a Restinga, 2015.*

Cores e aromas. Foto: Vicente Mussi-Dias

“Havia bem mais lugares para se passear a cavalo, porque muitas propriedades não eram cercadas, a gente podia ir entrando para dar voltas, íamos catar frutinhas que somente lá havia – almécegas, quixabas, bacoparis, ingás mirins, frutinhas a que os adultos não davam apreço, e por isso não eram vendidas à porta pelos nativos, como acontecia às melancias, cajus e ingás grandes”.

*Manoel Joaquim da Silva Pinto,
Verde e azul: meninice à beira-mar, 2009
e O Tempo e a Restinga, 2015.*



Aposta no futuro. Foto: Geisa Márcia



“Eu tenho um sonho para a Caruara. Gostaria que ela fosse uma referência para as formações litorâneas... A maior alegria que senti durante o tempo que trabalhei no processo de implantação da reserva, foi quando conseguimos construir o viveiro de mudas... Acredito nisso... Sucesso! Esse é o futuro.”

*Paulo Roberto do Canto Farag,
O Tempo e a Restinga, 2015*

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, registramos e divulgamos a restinga viva que ainda há de nos trazer tanta beleza, tanto repouso, sacudido de vez em quando pelo vento de trovoada que aparece em janeiro “Karuará” (Laraia, 2009) e que no dizer de Aquino (2015b) pede a todos: “Venha me visitar... Traga a luz da manhã, o azul que emoldura as amendoeiras, os mistérios do mangue, o cheiro da areia preta. Traga as constelações das noites frescas, o embalo da rede e as conversas de varanda”.

Tudo isso foi possível dividir com muitas pessoas a partir do lançamento em fevereiro de 2016 do livro “O Tempo e a Restinga” (Freire et al., 2015) em São João da Barra e, que agora, será lançado de forma *online* (Freire et al., 2016) para que possa levar, além de nossas fronteiras, tudo aquilo que vimos e vivemos durante esta jornada.

5- AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem o ISECENSA (Institutos Superiores de Ensino do CENSA), pelo suporte para a criação de parte deste livro; a empresa Porto do Açú Prumo Logística S.A., que aprovou nosso projeto de pesquisa sobre o resgate de restingas; a RPPN Fazenda Caruara que viabilizou as diversas visitas de campo e o registro de grande parte do acervo do livro, a Luiza Miranda Valério e a Trie Marie Comunicação e Design pela concepção artística e pelo design do livro *O Tempo e a Restinga*.

6- REFERÊNCIAS

- Aquino, A. Convite. *In: Freire, M.G.M., Mussi-Dias, V., Siqueira, G.M.B., Nascimento, D.F. O Tempo e a Restinga/Time and Restinga*. 1. ed. Rio de Janeiro: RR Donnelley, 349p. 2015b.
- Aquino, R. Prefácio. *In: Freire, M.G.M., Mussi-Dias, V., Siqueira, G.M.B., Nascimento, D.F. O Tempo e a Restinga/Time and Restinga*. 1. ed. Rio de Janeiro: RR Donnelley, 349p. 2015a.

Farag, P.R.C. Implantação da RPPN Fazenda Caruara. *In:* Freire, M.G.M., Mussi-Dias, V., Siqueira, G.M.B., Nascimento, D.F. O Tempo e a Restinga/Time and Restinga. 1. ed. Rio de Janeiro: RR Donnelley, 349p. 2015.

Freire, M.G.M., Mussi-Dias, V., Siqueira, G.M.B., Nascimento, D.F. O Tempo e a Restinga/Time and Restinga. 1. ed. Rio de Janeiro: RR Donnelley, 349p. 2015.

Freire, M.G.M., Mussi-Dias, V., Siqueira, G.M.B., Nascimento, D.F. O Tempo e a Restinga/Time and Restinga. 1. ed. Rio de Janeiro: RR Donnelley, 349p. 2015. Disponível em: <<https://issuu.com/otempoearestinga>>. Acesso: 25 ago. 2016.

Freire, M.G.M.F. Preservar não só a memória mas também o que (ainda) existe. *In:* Freire, M.G.M., Mussi-Dias, V., Siqueira, G.M.B., Nascimento, D.F. O Tempo e a Restinga/Time and Restinga. 1. ed. Rio de Janeiro: RR Donnelley, 349p. 2015.

Freire, M.S.B. Levantamento florístico do Parque Estadual das Dunas de Natal, Acta Botânica Brasilica, 4: 41-59. 1990.

Gomes, F.H., Vidal-Torrado, P., Macías, F., Gherardi, B., Perez, J.L.O. Solos sob vegetação de restinga na ilha do Cardoso (SP). I - caracterização e classificação. R. Bras. Ci. Solo, 31:1563-1580, 2007.

Kelecom, A., Reis, G.L., Fevereiro, P.C.A., Silva, J.G., Santos, M.G., Mello Neto, C.B., Gonzalez, M.S., Gouvea, R.C.S., Almeida, G.S.S. A multidisciplinary approach to the study of the fluminense vegetation. An. Acad. Bras. Ciênc. 74(1), Rio de Janeiro Mar. 2002.

Laraia, R.B. Karuara: a persistência de uma crença Tupinambá. Revista Brasileira de Linguística Antropológica, 1(2):13-24. 2009.

Mussi-Dias, V. Apresentação. *In:* Freire, M.G.M., Mussi-Dias, V., Siqueira, G.M.B., Nascimento, D.F. O Tempo e a Restinga/Time and Restinga. 1. ed. Rio de Janeiro: RR Donnelley, v.1. 349p. 2015.

Myers, N., Mittermeier, R.A., Mittermeier, C.G., Fonseca, G.A.B., Kent, J. Biodiversity hotspots for conservation priorities. Nature, 403: 853-858. 2000.

Oliveira-Rebouças, P.; Gimenes, M. Polinizadores potenciais de *Comolia ovalifolia* DC Triana (Melastomataceae) e *Chamaecrista ramosa* (Vog.) H.S. Irwin e *Barneby* var. *ramosa* (Leguminosae-Caesalpinioideae), na restinga, Bahia, Brasil. Braz. J. Biol., 71(2): 343-351. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-69842011000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 08 ago 2016. doi.: 10.1590/S1519-69842011000300002.

Pinto, C.P. Solitário soltador de pipas. *In:* Freire, M.G.M., Mussi-Dias, V., Siqueira, G.M.B., Nascimento, D.F. O Tempo e a Restinga/Time and Restinga. 1. ed. Rio de Janeiro: RR Donnelley, 349p. 2015.

Pinto, M.J.S. Carta à Judith. *In:* Verde e azul: meninas à beira-mar. Huguenin, F.P.S., Bastos, H.P.P., Maia, R.M.A. (organizadoras). Campos dos Goytacazes (RJ): Essentia Editora, 2009.

Sá, C.A. Verões na restinga de Grussaí. *In:* Freire, M.G.M., Mussi-Dias, V., Siqueira, G.M.B., Nascimento, D.F. O Tempo e a Restinga/Time and Restinga. 1. ed. Rio de Janeiro: RR Donnelley, 349p. 2015.



CENTRO EDUCACIONAL NOSSA SENHORA AUXILIADORA
INSTITUTOS SUPERIORES DE ENSINO DO CENSA
CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

SOS Mata Atlântica. Fundação SOS Mata Atlântica, 2003. Disponível em:
<<http://www.sosmatatlantica.org.br/>>. Acesso: em 03 fev. 2006.

Thiollent, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1994.